

Leitura e escrita na escola: possibilidades e atravessamentos de uma experiência na produção de livro

*Andrea da Paixão Fernandes**

*Jacqueline de Fatima dos Santos Moraes***

*Lincoln Tavares Silva****

*Patrícia Braun*****

Resumo: O Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAP-UERJ – tem como importante objetivo o investimento na formação de um cidadão crítico e criativo. Buscamos, para isso, práticas pedagógicas que desenvolvam a leitura e escrita com sentido e uso social real. Tais ações constituem uma das marcas da concepção pedagógica dessa Instituição. O projeto de extensão universitária *O livro e a formação do leitor-escritor* visa a tornar público, por meio da publicação de textos escritos de vários gêneros literários e imagéticos, a rica produção dos nossos estudantes. Como consequência desse investimento, desde o ano de 2004, o CAP-UERJ participa do Projeto Redação, promovido pelo Jornal Folha Dirigida e pela Fundação Biblioteca Nacional. Esse projeto consiste na construção de uma obra literária a cada

* Mestre em Educação pela UFF. Doutoranda em Educação pela UNICAMP. Professora da rede municipal do Rio de Janeiro e do CAP-UERJ. E-mail: fernandes.ap@globo.com

** Mestre em Educação pela UFF. Doutora em educação pela UNICAMP. Professora da FFP-UERJ e CAP-UERJ. E-mail: jacquelinemoraes@hotmail.com

*** Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis. Doutorando em Educação na USP. Professor do CAP-UERJ. E-mail:lincolnstsilva@hotmail.com

**** Mestre em Educação pela UERJ. Doutoranda em educação pela UERJ. Professora do CAP-UERJ. E-mail: p.braun@terra.com.br

ano, tendo como autores estudantes de educação básica. Em nosso caso, essa parceria possibilita e potencializa a divulgação das produções textuais dos estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Nosso artigo traz a experiência vivida nesses anos de desenvolvimento de projeto.

Palavras-chave: Produção de texto; Prática pedagógica; Escola básica.

Abstract: The Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – Cap-UERJ – has, as an important objective, the investment in building a creative and critical citizens. We seek to achieve this, teaching practices that develop reading and writing with meaning and social use real. Such actions constitute a hallmark of instructional design of this institution. The extension project *The book and the training of the reader-writer* is intended to make public, through the publication of texts of various literary genres and imaginative, the rich production of our students. As a result of this investment, since the year 2004, the Cap-UERJ participates in the Writing Project, sponsored by the newspaper Folha Dirigida and Fundação Biblioteca Nacional. This project involves the construction of a literary work every year since with students of basic education. In our case, this partnership enables and enhances the dissemination of textual productions of the students of 1st year of elementary school to 3rd year of high school. Our article presents the experiences in these years of project development

Keywords: Production of text; Pedagogical practice; School.

*Dupla delícia: o livro traz a vantagem de a gente
poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado.
(Mario Quintana)*

Introdução

A extensão tem sido historicamente apontada, ao lado da pesquisa e do ensino, como um dos pilares da universidade. Dessa forma, investigar, ensinar e socializar a produção são tomadas no ambiente universitário como funções próprias de cada docente que atua na graduação e na pós-graduação. Essa perspectiva se ancora na concepção, ainda hegemônica, de que universidade é *locus* de produção de conhecimento científico, tendo compromisso em *estendê-lo* para aqueles que supostamente não o produzem. Assim, se forma uma divisão que se pretende hegemonizar como inequívoca: há os que produzem (a universidade) e há os que consomem: os demais. E, se tomarmos por foco instituições educativas, naquele segundo grupo se encontram as escolas.

Nosso artigo, gerado a partir de um trabalho gestado no interior de uma escola básica, se contrapõe a ideia de que, na Educação Escolar, a extensão seja função única da universidade. Não apenas defendemos, mas sobretudo vivemos, a escola básica como espaço de produção de saberes múltiplos e academicamente legítimos, e o direito de compartilhar essa experiência com outros e outras. Desta forma, a divulgação da produção tecida no espaço escolar da Educação Básica, e não apenas no espaço universitário, nos parece pedagógica e politicamente fundamental, já que expressa outra relação entre produção e consumo, academia e escola, nos permitindo desnaturalizar os lugares determinados como fixos de quem é autorizado a fazer pesquisa ou extensão. Não temos a ingenuidade de apartar o reconhecimento de que relações de saber são, fundamentalmente, relações de poder. Talvez, ainda por isso, nos pareça tão urgente e necessário produzir este texto.

Neste movimento de afirmar o espaço escolar como lugar de potência e produção, trazemos um projeto construído no interior de uma escola pública e que nos permite problematizar sentidos e possibilidades pedagógicas e, portanto, políticas, de habitar e produzir na escola. Um projeto que entende a escrita

e leitura enquanto *experiência formadora* tanto para estudantes quanto para docentes.

Dessa forma, é importante inicialmente traçarmos um breve perfil desse espaço escolar empenhado em alterar antigas relações político-pedagógicas, instituídas por certa tradição acadêmica. É preciso, para tal, levar em conta ser nossa escola um *colégio de aplicação*. Desse termo emergem sentidos instituídos, mas também contrassentidos, significações inconformistas, rebeldes e instituintes. Assim, nos recusamos a assumir o rótulo *de aplicação* entendendo que é preciso ressignificar a relação entre a universidade e escola.

Conhecendo o CAP-UERJ

O palco da experiência que aqui iremos narrar ocorreu no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, ou CAP-UERJ, como é mais conhecido o antigo Colégio de Aplicação da UERJ. Constituímo-nos como um espaço educativo capaz de estabelecer diálogos entre a formação docente (inicial e continuada) e o desenvolvimento de ações e práticas de ensino, pesquisa, extensão e gestão, sempre voltadas para articulação entre Educação Básica e Superior, sem que para isso, desejemos ou permitamos estabelecer uma relação vertical ou subserviente, como a ideia de *aplicação* pode sugerir. Somos, portanto, uma unidade acadêmica vinculada a uma universidade pública, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com atividades de ensino desdobrando-se em dois níveis articulados: a Educação Básica e o Ensino Superior.

Para tanto, desenvolvemos variados projetos que contemplam os pilares do universo acadêmico: ensino, pesquisa e extensão. A escola básica, em nossa concepção, não pode ser um apêndice da universidade, mas necessita ocupar o centro das práticas e reflexões que norteiam o campo da educação, incluindo aqui a atuação dos licenciandos junto aos estudantes

de Educação Básica. Dessa forma, assumimos nossa condição de *locus* privilegiado de fluxos, ações múltiplas, experiências que se configuram na contracorrente.

Reconhecido socialmente como *instituição de excelência*, o CAP-UERJ é destacado pelo desempenho de seus estudantes em exames vestibulares e exames nacionais (Provinha Brasil, Prova Brasil e ENEM) dos quais tem participado como pertencente ao sistema público de ensino. Agregam-se a esses resultados as expectativas das famílias que buscam, ano após ano, o ingresso de seus filhos e filhas em uma escola pública que é vivida, especialmente para as camadas populares, como uma *ilusão fecunda* (SPOSITO, 1993), pois percebida como forma de ampliação de possibilidades sociais, culturais e econômicas. Se a esse foco podemos atribuir alguma positividade, por outro lado, explicita-se a impossibilidade de atendimento de todos que buscam, seja pelo sorteio público ou pela prova de acesso às vagas nos primeiro e quinto anos do Ensino Fundamental em nossa instituição, ensino de qualidade. Assim, a ideia que atravessa a chamada *escola de excelência*, seu pertencimento a uma espécie de *rede de exceção* em um contexto de crise educacional, revela a perversidade produzida pela ausência de políticas públicas sérias no campo da educação.

Por não centrarmos nossas ações na lógica da excelência exclusiva nem do ranqueamento cristalizado, buscamos neste texto compartilhar algumas experiências docentes, não para que sejam *disseminadas* como modelares em outros *espaçotempos* escolares de nosso país, mas para que, mesmo revelando nossas contradições e limites, mostrem uma escola que se afirma *em movimento*.

Neste artigo focaremos, por sua importância e repercussão, um dos inúmeros projetos extensionistas que temos realizado: *O livro e a formação do leitor-escritor*. Este tem mobilizado intensamente todo o colégio e criado múltiplas possibilidades de trabalho pedagógico, além de variados desdobramentos com a comunidade interna e externa ao CAP-UERJ, tanto no que se refere ao ensino como à pesquisa.

O projeto de extensão “O livro e a formação do leitor-escritor”

O CAP-UERJ vem, ao longo de sua história, investindo na formação de um estudante que seja, ao mesmo tempo, leitor e escritor competente: capaz de interagir no mundo de forma crítica e criativa a partir da apropriação e produção de diferentes modalidades de linguagem, em múltiplas situações, tanto escolares quanto de vida. Dessa forma, nosso trabalho pedagógico, no que tange à leitura e à escrita, estimula a formação do leitor-escritor em ações pedagógicas que tenham visibilidade e impliquem interações sociais mais amplas.

Tendo por base esse pressuposto teórico-epistemológico, em 2004, a proposta de produção de livros coletivos no CAP-UERJ ganha corpo com a produção de textos de autoria dos estudantes de nossa escola, orientados por seus professores.

A partir da parceria entre três instituições, o Instituto de Aplicação da UERJ, o Jornal Folha Dirigida e a Fundação Biblioteca Nacional, *O livro e a formação do leitor-escritor* se inscreve e se afirma como projeto extensionista. Tal parceria extensionista na verdade potencializa essa ação que já fazia parte da trajetória e da construção da história institucional do CAP-UERJ.

Dessa maneira, entendemos e pretendemos na *extensão* nutrir tanto a pesquisa quanto o ensino, pressupondo uma tríade em diálogo e retroalimentação permanente. Não defendemos uma concepção que a reduza à prestação de serviços, numa perspectiva que podemos classificar de assistencialista. Embora respeitemos como uma possibilidade de ação, nossa perspectiva vai no sentido de assumir a extensão como *princípio educativo*, tal como entendido por Gramsci (1989, p. 130). Assim, intentamos que o projeto *O livro e a formação do leitor-escritor* contribua para o processo educativo de alunos, professores, pais e toda a comunidade. Trabalhamos no sentido de que esse projeto permita que duas provocações se concretizem: uma primeira voltada à descoberta de novos sentidos, tanto para a produção escrita dos

nossos estudantes, quanto para os fazeres docentes relativos à língua escrita, e outra que amplie na comunidade escolar e exterior a ela, a relação com a leitura e a escrita, na medida em que a produção textual de nossos alunos, nesse projeto, tem alcance inimaginável.

Como processo educativo, a implementação desse projeto na escola se configurou como mais uma possibilidade de nossos estudantes, sob orientação de seus professores, tomarem a palavra, produzindo em diferentes estilos literários e tornando públicas: narrativas, experiências, argumentações, visões de mundo.

Nesse movimento, desde o ano de 2004, obras literárias de autoria de nossos estudantes, abrangendo a totalidade dos anos de escolaridade, ou seja, do 1º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, vêm sendo produzidas e publicadas.

A equipe de trabalho é composta, ao longo da existência do projeto, por professores de diferentes anos de escolaridade e de múltiplas disciplinas do Ensino Fundamental e Médio, que inserem nos seus planejamentos e projetos de trabalho, a produção textual. Cabe ressaltar que, dessa forma, a elaboração do texto para o livro se constrói a partir da realidade de trabalho nas/pelas disciplinas, respeitando-se os gêneros textuais e as temáticas trabalhadas por cada ano de escolaridade. Esse projeto tem contado com a participação direta de mais de 180 alunos e 30 professores a cada ano.

A importância da escrita com sentido, com uso social, na escola e para além dela

A escola em sua trajetória como agente de formação e de socialização de indivíduos tem, no conjunto de suas atribuições, a formação de estudantes que sejam leitores e escritores críticos. Ou, pelo menos, é nesse sentido que acreditamos que o espaço escolar deva se constituir quando se fala em aprender a ler e escrever. No entanto, sabemos também que nem sempre esse viés

é privilegiado. Assim, muitas vezes, a língua é ensinada sem que os sujeitos *aprendentes* estejam mergulhados na sua *corrente viva*.

Nesse sentido é importante levarmos em consideração, na escola, o que afirma Bakhtin (1981, p. 72),

A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das relações sociais. [...] Os sujeitos não recebem a língua pronta para ser usada. [...] eles penetram na corrente da comunicação verbal, ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente que é a sua consciência desperta e começa a operar.

A partir desse princípio temos, no CAP-UERJ, investido em atividades que possibilitem a produção da palavra como *produto da interação viva das relações sociais*. As propostas nesse campo de conhecimento precisam ser permeadas por uma prática contextualizada, dinâmica, atual e principalmente que envolva o ambiente social dos estudantes. Defendemos que qualquer proposta de ensino que envolva a produção textual na escola deva levar em conta, dentre outras questões: *Quem escreve? Para quem? Para quê? Por quê?* (GERALDI, 1996). No entanto, não estamos afirmando que toda proposta de ensino da língua (e da produção textual em especial) deva partir somente do contexto social dos estudantes. Se assim o fosse, estaríamos restringindo possibilidades de novas experiências. Afirmamos, porém, a importância de ampliarmos na escola as possibilidades dos estudantes verem e entenderem o mundo, muitos mundos, outros e novos mundos, que não apenas aqueles pelos quais circulam.

Como afirma Garcia (1998), a apropriação da leitura por todos é um direito político, especialmente das classes populares, e um dever da escola que se compromete com a emancipação de seus estudantes. Assim, propor um projeto de produção de texto na escola que caminhe por entre a língua viva, estimulando a formação da autoria e da autonomia intelectual, vista não como um processo individual, mas essencialmente dialógico e solidário, é, antes de tudo, uma opção política e epistemológica. Dessa forma, entendemos que o projeto *O livro e a formação do leitor-escriptor* contribui para a função da escola na formação do sujeito

leitor-escritor que questiona, que é conectado com o mundo e que está disposto a conhecer, aprender, lendo e escrevendo.

A Construção da escrita pelos estudantes do CAP-UERJ e os diálogos temáticos

Diversos foram os temas que nortearam o trabalho de produção textual até o momento em que nosso texto se elaborou (Figura 1). No seu primeiro ano, o Meio Ambiente foi o tema norteador. A produção textual não se caracterizou por tratar de um ambiente *pelo meio*, abstrato ou afastado das preocupações que têm afligido a humanidade com um olhar sobre o presente. Nas críticas à problemática socioambiental processos do passado se fazem presente, sem perder de vista a possibilidades para as gerações futuras.

Em 2005, optamos por deixar o tema livre, mas uma análise dos dois primeiros livros permite constatar que o viés socioambiental foi uma tônica. A ele se somaram outros temas do cotidiano de nossa cidade, da política, da adolescência e também da realidade regional de nosso país, precipitando concepções de diversidade cultural. No ano de 2006, o tema Valores orientou os escritos de nossos meninos e meninas nas diferentes faixas etárias. Mais uma vez, cabe registrar que a sustentabilidade da temática socioambiental se fez presente em muitos dos textos, sobretudo nos das turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Esse livro também foi marcado pelo posicionamento dos alunos em relação à greve dos trabalhadores (docentes e técnico-administrativos) da UERJ. Tal conjuntura se inseriu no contexto dos direitos sociais, cívicos e trabalhistas, ampliando a noção de valores de respeito e amizade, sem desprezar a crítica às instituições brasileiras que produzem e reproduzem desigualdades.

Figura 1 – Capas dos livros produzidos de 2004 a 2009



Em meio a textos coletivos e individuais, diferentes estilos textuais tais como contos, cartas, cordéis, poesias, se fizeram presentes. O ano de 2007, entretanto, foi um marco na história do colégio. Completamos 50 anos. Decidimos, então, contar esta nossa história. Mas ousamos fazê-la através das várias lentes, de centenas de olhares. O livro *CAP-UERJ 50 anos: histórias e memórias* ao contar as histórias do CAP-UERJ reconstrói suas memórias e traz, pra quem chega, os diferentes olhares dos estudantes. O próximo e o distante se aproximaram em óticas distintas, mas não deixaram de se fazer presentes o apelo político, a crítica ao governo, a discussão das condições físicas do Instituto, assim como reflexões sobre os bons resultados alcançados pelo CAP, bem como sua qualidade educacional.

Em 2008, imbuídos do desejo de falar de nossa gente, de nossa cidade, de Machado de Assis, que tão bem narrou o Rio, das histórias do Rio Antigo, contadas e encantadas por cariocas

(de nascimento e de coração), produzimos *Rio de Janeiro... olhares*. Mais uma vez, encontramos os olhares dos nossos *escritores*. Eram histórias que traziam a abrangência e complexidade do tema, com a ousadia de falar da nossa gente, do nosso jeito de ser, da nossa cultura e de como é ser carioca na cidade do Rio de Janeiro.

No ano de 2009 a temática trazia uma preocupação em pautarmos o diálogo e, nesse processo, a pesquisa sobre um tema bastante discutido na atualidade: a cultura, sua diversidade e multiplicidade. Era chegada a hora de propormos aos nossos estudantes pesquisarem, refletirem e problematizarem a riqueza sociocultural e a diversidade que caracteriza o Brasil e o povo brasileiro.

Cabe ressaltar que o trabalho de produção dos textos não se faz tecido individual ou isoladamente. A tessitura dos textos pressupõe pesquisa investigativa da temática de cada livro, uma reflexão sobre cada produção, constituindo-se como etapas (ou caminhos possíveis) para cada texto. Todas as etapas fazem parte da construção da obra. Como não é nosso objetivo aqui aprofundar a análise sobre os diversos textos produzidos pelos estudantes, apresentaremos tão somente o mosaico das imagens de alguns deles (Figura 2), em diferentes anos da produção.

Figura 2 – Mosaico com alguns dos textos produzidos pelos estudantes sob a orientação de professores de diferentes anos de escolaridade.



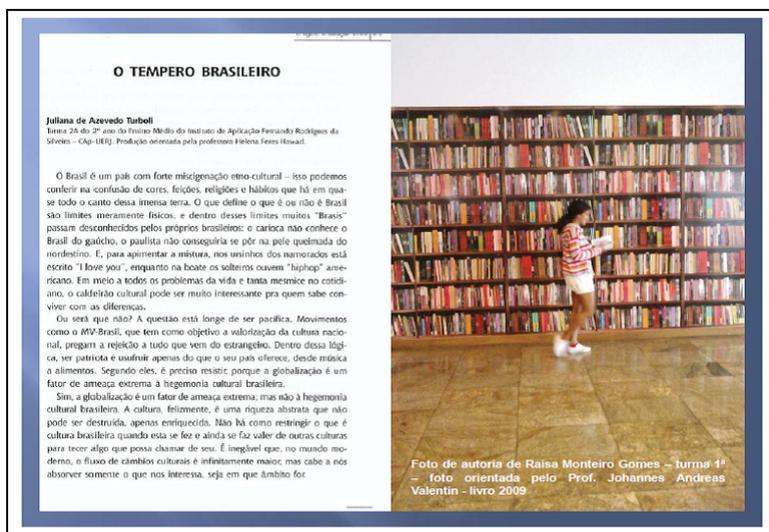
Além dos aspectos já apresentados, é importante ressaltar que esse trabalho nos dá pistas de como o prazer de ler e de escrever pode ser ampliado quando estão em jogo experiências significativas.

Nosso intento visa, desde sua origem, possibilitar uma aprendizagem conjunta para os diferentes sujeitos envolvidos no projeto, além de potencializar o desenvolvimento de práticas leitoras, investigativas e autoras como possibilidade de desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem das crianças e jovens estudantes do CAP-UERJ, por meio de produções textuais individuais ou coletivas. Esses objetivos vêm sendo construídos e consolidados a cada ano de realização desse trabalho.

Como decorrência das marcas da ampliação dessa caminhada, nos anos de 2008 e 2009 o trabalho adquire um caráter

transdisciplinar, deixando de ter sua orientação focada nos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental e nos de Língua Portuguesa e, por sua vez, propondo uma relação dialógica e participativa com as diferentes áreas do conhecimento. Além disso, passamos a incorporar de modo mais efetivo a produção visual dos estudantes, por meio de imagens resultantes de processos coletivos e contextualizados de aprendizado, significando novas formas e possibilidades de leitura dos textos, dos temas e do mundo.

Figura 3 – Diferentes leituras, múltiplas possibilidades, textos e contextos



Essa inovação representa, não só a ampliação propriamente dita, como o enriquecimento dessa história em construção, por meio das possibilidades e perspectivas de diálogos entre as áreas e por entre as mesmas. Ao trazer para este texto as trilhas de nosso projeto de extensão, conforme apontado no título deste artigo, queremos afirmar a importância de reconstruirmos as memórias

desse percurso. Nesse sentido, trazer para este artigo algumas das falas sobre os trabalhos realizados e publicados ao longo dos seis anos de existência desse projeto de extensão, representa uma oportunidade não apenas de socializar a produção de nossos estudantes para outros leitores, como também de preservar uma história vivida coletivamente.

Não nos preocupamos em atrelar a quantidade de depoimentos aos anos de produção e existência do projeto ou aos livros publicados, mas, apenas, compartilhar alguns dos sentidos, que aqui poderão ser (re)lidos, produzidos por outras vozes que se somaram às nossas, como autores deste artigo. Vozes essas dos outros autores dos livros.

Analisando os textos produzidos nas edições dos últimos cinco anos, consideramos que a perspectiva sócio-histórica e os processos constituídos a partir das lembranças ressignificadas encontram lugar privilegiado nessas produções, sobretudo dos últimos dois anos. A perspectiva socioambiental também se encontra presente em muitos dos textos das diversas edições. Os livros que trazem como temática o cinquentenário do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira e o mais recente, que nos permite um mergulho pelas histórias que contam e encantam a cidade do Rio de Janeiro, nos permitem viajar pelos recantos de muitas memórias.

O exercício de recuperação da memória nos permite desenvolver junto aos estudantes a habilidade da pesquisa em diferentes fontes como documentos e testemunhos, entre outros. Permite-nos, ainda, recorrer à literatura existente e estabelecer um reencontro com as práticas leitoras. Reencontro esse que se faz permanentemente no Instituto de Aplicação.

Repercussões do projeto na escola e na vida dos estudantes

Pensar sobre as repercussões do projeto *O livro e a formação do leitor-escritor* é, antes de mais nada, tratar de sua própria razão de ser. Na medida em que as ações tornam-se parte do cotidiano da escola, elas tendem a produzir seu espaço próprio, sua *territorialização* e, portanto, criam uma cultura no âmbito escolar.

Desde a primeira produção, houve uma preocupação com o princípio participativo e coletivo da elaboração dos textos do livro. Para tanto, a temática transversalizada contribuiu muito na elaboração dos diferentes textos. Tal concepção retroalimentou-se nas ações e práticas docentes cotidianas e serviu de caminho sustentável para aproximar gradativamente os estudantes entre si e com os seus textos. Este fato pode ser evidenciado no depoimento de uma docente dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental para o Jornal Folha Dirigida, um dos parceiros desse projeto e que vem publicando reportagens sobre ele. Diz a professora:

Eles ainda estão naquela fase de elaboração da escrita. Quando a gente trabalha coletivamente, propondo que eles escrevam de forma coletiva a gente dá a possibilidade de eles articularem melhor a ideia do pensar junto, como eles vão organizar a escrita. [...] Em todas as atividades que a gente faz, aposta-se muito no trabalho em grupo. Por exemplo, as salas são, nas séries iniciais, organizadas em grupos. Então, a todo momento, o aluno está construindo seu conhecimento a partir da interação que ele constrói com o outro e com o meio no qual ele está (Professora A. E.).

Mesmo entendendo que muitas das falas de estudantes em suas declarações ao jornal podem idealizar tanto o processo quanto o próprio livro, o sentido positivo dado ao processo de produção dos textos não pode ser desprezado.

Minha mãe criou uma brincadeira para sempre que eu for ler alguma coisa. Ela me disse para ficar com dicionário do lado, para descobrir o que quer dizer uma palavra desconhecida. Sei que aprendo mais com

o livro do que com o *video-game* ou o computador e, para mim, ler é uma diversão (Aluno D, 7 anos).

Ainda podemos vicejar outras contribuições significativas do trabalho desenvolvido ao longo dos anos neste projeto. Uma delas diz respeito à preocupação com a influência do texto sobre a vida de outros sujeitos, dos aspectos favoráveis ou desfavoráveis que essa exposição poderia causar, demonstrando o lado socializante para o qual se destina a produção literária, sem perder de vista o componente de valorização pessoal que também carrega.

Fiquei envergonhada quando a professora pediu que a gente cantasse a música (*Hip Hop*) também nas outras turmas, mas todo mundo gostou muito. Me senti importante mostrando o que a gente fez. Imagina se nosso texto vai para um livro? Acho que dou uma festa para comemorar (Aluna J, 10 anos).

Há quatro anos escrevo um romance, mas não sei se vou conseguir publicá-lo. [...] Acho que tudo o que a gente escreve pode influenciar a vida de alguém e quando a gente é valorizado por compartilhar as nossas ideias, é muito gratificante (Aluna N, 15 anos).

O próprio livro produzido nesta concepção passa a ser um objeto de uso vivo, cotidiano e passível de articulação com as temáticas desenvolvidas inclusive em anos posteriores. Ou seja, a coletânea de textos produzidos, organizada em cada livro editado, passa a ser material literário e didático de referência contextualizada.

A leitura e a escrita são trabalhadas de forma intensa aqui na escola. E um dos livros que utilizamos em sala é, justamente, a coletânea de redações (...). Isto vai ter como consequência um estímulo ainda maior para que eles leiam e escrevam mais (Professora C.O.).

Acrescentamos que os livros produzidos pelos estudantes do CAP-UERJ, fruto deste projeto de extensão, também possui impacto e reconhecimento institucional ao ser referenciado pelos Conselhos e órgãos que compõem a Universidade na qual a escola se insere. Também o Conselho da instituição, composto por estudantes do Grêmio escolar, professores e servidores técnico-

administrativos, participou debatendo e deliberando sobre as temáticas dos diferentes anos. Nesse caso, em diversos momentos a presença de representantes institucionais importantes foi fundamental para reforçar junto à comunidade escolar o valor dos sujeitos envolvidos na ação, fossem eles os trabalhadores, os estudantes ou os pais.

A escolha do tema foi deliberada em Conselho Departamental da unidade. Ele foi escolhido em função da necessidade dos professores terem percebido a necessidade de resgatar, discutir e representar *valores* como ética, moral, cidadania. O que tentamos fazer na CA é incentivar os alunos a dividirem responsabilidades e somarem ações (Professor L.S.).

O professor evidencia ainda a possibilidade do livro como um instrumento para contar e recontar a história do Instituto, mantendo a instituição viva. Tal fato pode ser confirmado na escolha institucional realizada no livro que marcou os 50 anos do CAP, em 2007.

Desde 2004 nós trabalhamos temas variados e agora chegou a oportunidade de falarmos de nós mesmos, de falarmos sobre nossa própria instituição, aproveitando os 50 anos. Isso mantém a instituição viva, ela consegue trabalhar a diversidade, seja a diversidade de temas, de propostas, de olhares. [...] Daqui a um tempo, eles serão ex-alunos e vão se encontrar também nesses registros que estão deixando (Professora J. M.).

Essas ações se congregam a outras já desenvolvidas em espaços-tempos institucionais, privilegiando a leitura e a escrita como elementos fundamentais para o desenvolvimento do currículo escolar. Para tanto, em diferentes anos de escolaridade, nos diferentes segmentos do Ensino Fundamental e mesmo do Ensino Médio, há áreas do conhecimento que participam ativamente das ações do projeto e que, de alguma forma, são influenciadas pela dinâmica impressa a partir de sua efetiva realização. Desse modo, as disciplinas Clube de Leitura e Redação adquirem focos de produção diferenciados e oportunizam aos estudantes espaços de escolha e de liberdade de expressão que mais tarde são materializados por meio dos textos publicados.

Na verdade, este espaço deveria se chamar Clube de Leituras, porque o trabalho feito aqui é de educação do olhar: olhar para o livro, ou, por exemplo, para as marcas do tempo presentes nos equipamentos urbanos. Ou seja, a questão aqui é tratar a leitura do mundo (Professora L. M.).

Embora o envolvimento dos docentes e das disciplinas seja diferenciado, fios interdisciplinares acabam sendo expressos nos textos, o que permite mobilizar os saberes, tanto pelos professores quanto pelos alunos. Também ultrapassam os muros da escola, ao mobilizarem as famílias que têm acesso diretamente aos conhecimentos tecidos no cotidiano escolar, contextualizados e materializados na produção discente. Podemos registrar a fala de reconhecimento de alguns pais sobre o trabalho da escola na formação com qualidade de seus filhos. Tal perspectiva não atribui ao projeto uma característica de panaceia que absorve o cotidiano escolar ou transforma a realidade social resolvendo todos os problemas, mas aponta com certeza que a abordagem crítica e coletiva das questões de nossa realidade pode ser feita com *leveza, multiplicidade e exatidão*, conforme já nos dissera o escritor Ítalo Calvino (1990).

A proposta era escrever uma carta para uma empresa pedindo patrocínio para o CAP e eu escrevi o que o CAP está precisando e os meios para conseguir (Aluna C., 15 anos).

Quando apostamos em algo, tem que ser para a vida inteira. Meu filho sempre foi aluno desta escola e hoje me sinto feliz por ter confiado que uma escola pública pode e tem condições de oferecer um ensino de qualidade (R., mãe de um estudante do CAP).

Mais que os prêmios, medalhas ou placas, o projeto tem recebido o reconhecimento da comunidade escolar. Autores que talvez ainda não tenham a dimensão de que suas histórias deixam um legado para aqueles que vêm e nos desafiam a continuar o projeto. Pensar e apontar as perspectivas do projeto *O livro e a formação do leitor-escritor* representa, portanto, pensar e destacar caminhos que apontem sua continuidade.

Dessa forma, nosso maior desejo é que esse projeto continue a estimular nossos estudantes e professores a refletirem

sobre a realidade, relendo-a, dando-lhe novos sentidos a fim de construírem novos horizontes de possibilidades.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GARCIA, Regina Leite (Org.). *A formação da professora alfabetizadora: reflexões sobre a prática*. São Paulo: Cortez, 1998.

GERALDI, João Wanderlei. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: Mercado de Letras – ALB, 1996.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

QUINTANA, Mario. *Do Caderno H*. Porto Alegre: Globo, 1973

SANTOS, Boaventura de Souza. *A gramática do tempo*. São Paulo: Cortez, 2006.

SPOSITO, Marília Pontes. *A ilusão fecunda: a luta por educação nos movimentos populares*. São Paulo: Hucitec, 1993.